

volume

26/2

Julho/2021
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História das Mulheres e Gênero em suas diversas abordagens

*CAJÁ A primeira de dem #186 de primeira de dem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sados e banquetes. E' usados e banquetes. E' a
unica depositaria da unica depositaria da unica
molda Guarana Espumantada Guarana Espumant-
te e do excellent chocolate e do excellent choco-
late Laeta, fabricados emlate Laeta, fabricados em
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zo-
notta Leonardo & Capotta Leonardo & Ca-
.I Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 26/2 p.1-202 Jul. 2021

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cóssio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Fabiane Tejada da Silveira

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa
Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor
Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra
Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da
Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas:
Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e
Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias:
Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde:
Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e
Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais
Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto
(TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e
Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas:
Charles Pereira Pennaforte (TITULAR),
Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da
Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes:
Lúcia Bergamaschi Costa Weymar
(TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João
Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel –
Profa. Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof^ª Dra. Lorena Almeida Gill
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Prof^ª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof^ª Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Prof^ª Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof^ª Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editoração e Capa: Ariane Regina Bueno da Cunha, Gabrielle Nogueira Oliveira e Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Companhia Fiação e Tecidos de Pelotas – RS .

Pareceristas ad hoc:

Ana Maria Sosa González – UFPel | Aristeu Lopes – UFPel | Carolina Bonilha – UFPel | Carolina Kesser – UFPel | Daniele Gallindo – UFPel | Elisiane Chaves – UFPel | Fernanda Fonseca Pereira – FURG | Hudson Carvalho – UFPel | Igor Simões – UERGS | Jonas Vargas – UFPel | Lennyse Bandeira – UFRJ | Lidianne Friderichs –

UFPel | Lisiana Lawson – FURG | Lorena Almeida Gill – UFPel | Márcia Chico – UFPel | Maria Clara Hallal – UFPel | Marislei Ribeiro – UFPel | Milena Ogawa – UFPel | Rita de Araujo Neves – FURG | Silvana Moreira – UFPel | Taiane Mendes - UFPel

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2021/1*

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre:
Revistas de Livre Acesso | International
Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS -
CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

* obra publicada em agosto de 2021.



Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.26/2, (jul. 2021). – Pelotas: Editora da UFPel, 2021.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

DOSSIÊ: HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO EM SUAS DIVERSAS ABORDAGENS

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION 7

DANIELE GALLINDO, ELISLANE CHAVES, SILVANA MOREIRA, TALANE MENDES

DISCUSSÕES SOBRE HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO

SEMPRE À MULHER, PELA MULHER: A COLUNA FEMINISMO NO JORNAL O PAIZ
(RJ) – 1927-1930 10

BEATRIZ BERR ELLAS, MÔNICA KARAWEJCZYK

O JULGAMENTO DA FAMÍLIA VANDEPUT: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA
MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA SOBRE O INFANTICÍDIO DE CORINNE (1962) 27

BRUNA ALVES LOPES, FRANCIELI LUNELLI SANTOS

MULHERES E A MIGRAÇÃO: TRAJETÓRIAS E MOTIVAÇÕES DE MIGRANTES
NORDESTINAS NA CIDADE DAS AVENIDAS 43

BRUNO CÉZAR PEREIRA, ALEXANDRA LOURENÇO

PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA A PARTIR DA ÓTICA DE
AGRESSORES DE MULHERES 62

ELISLANE MEDEIROS CHAVES

COMPREENDAMOS, PARTILHEMOS DOS SOFRIMENTOS DA MULHER ESCRAVA:
DUAS IRMÃS E O ABOLICIONISMO EM PELOTAS E RIO GRANDE (1880-1888) 80

ETLANE CARVALHO NUNES

CORPO(S) E SEXUALIDADE(S) NO CINEMA PORNOGRÁFICO NO CONTEXTO DA
DITADURA CIVIL MILITAR: PERCEPÇÕES A PARTIR DAS PORNOCHANCHADAS
(1969-1986) 97

GABBIANA CLAMER FONSECA FALAVIGNA DOS REIS

O RISO DA INFÂMIA: ESTUPRO NO DRAMA SATÍRICO CÍCLOPE DE EURÍPEDES
MATEUS DAGIOS 114

“ELA DIZ QUE OS HOMENS É QUEM SÃO ESCRAVIZADOS”: ESTHER VILAR E AS
ORIGENS DO ANTIFEMINISMO COMO “GUERRA CULTURAL” **130**

SILVIANA FERNANDES MARIZ

GÊNERO, TRABALHO, GUERRA E PAZ NO REINO UNIDO: O IMPACTO DA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E DO IMEDIATO PÓS-GUERRA NA VIDA DAS
TRABALHADORAS BRITÂNICAS (1939-1951) **153**

THIAGO ROMÃO DE ALENCAR

ARTIGOS LIVRES

O PALHAÇO DE REIS FLUMINENSE E SUA MÁSCARA: PERFORMANCE, RITUAL E
RELIGIOSIDADE **175**

CAROLINA DA SILVA RODRIGUES

SANTUÁRIO DO CARAÇA: MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS LUSO-BRASILEIROS NA
HISTÓRIA DE MINAS GERAIS **188**

RUDINEY AVELINO DE CASTRO SILVA, JÚLIA CALVO

SANTUÁRIO DO CARAÇA: MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS LUSO-BRASILEIROS NA HISTÓRIA DE MINAS GERAIS¹

SANTUÁRIO DO CARAÇA: PORTUGUESE-BRAZILIAN MEMORIES AND FORGETFULNESS IN THE HISTORY OF MINAS GERAIS

Rudney Avelino de Castro Silva²

Júlia Calvo³

Resumo: Localizado a 120 km da cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, entre os municípios de Santa Bárbara e Catas Altas, em uma das vértebras da cordilheira do Espinhaço, encontra-se o Santuário do Caraça. Sua origem remonta ao ano de 1774, momento em que o Irmão Lourenço, de procedência portuguesa, ergueu ali a ermida em homenagem a Nossa Senhora Mãe dos Homens. O local tem o seu conjunto arquitetônico e paisagístico tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1955 e reconhecido como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) a partir de 1994. Este artigo preza por analisar o processo histórico de constituição e transformação do lugar em eremitério, colégio, centro de peregrinação, espaço de cultura e destino turístico, assim como a importância que o reconhecimento pelo IPHAN tem exercido diante da preservação da memória material e imaterial do Santuário.

Palavras-chave: Caraça. Irmão Lourenço. Santuário. Patrimônio. Hi[e]stória.

Abstract: Located 120 km from the city of Belo Horizonte, State of Minas Gerais, between the municipalities of Santa Barbara and Catas Altas, in one of the vertebrae of the Espinhaço mountain range, there is the Caraça Sanctuary. Its origin dates back to the year 1774, when Brother Lourenço, of Portuguese origin, built the chapel there in honor of Nossa Senhora Mãe dos Homens. The site has its architectural and landscape ensemble listed by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) since 1955 and recognized as a Private Reserve of Natural Heritage (RPPN) since 1994. This article is worth analyzing the historical process of constitution and transformation of the place into a hermitage, college, pilgrimage center, cultural space and tourist destination, as well as the importance that recognition by IPHAN has played in the preservation of the material and immaterial memory of the Sanctuary.

Keywords: Caraça. Brother Lourenço. Sanctuary. Heritage. Hi[e]stória.

¹ “O Caraça é muito velho, velho da velhice do velho mundo. Seu planalto já esteve coberto pelas águas. E onde vemos hoje capoeiras e matas, campos e varginhas, picos e quebradas, havia, outrora, uma lagoa imensa e profunda... A sua linda e verde bacia já foi também enorme cratera a vomitar lavas, chamas e cinzas. Peixes nadavam, brincando, onde passarinhos fazem agora seus ninhos. Fogo derretia pedras e rochas, onde hoje colhemos flores e frutos. Sempre foi bela e foi sempre grandiosa a natureza caracence. E, até os nossos dias, o Caraça guarda, na sua fisionomia, os contrastes que Deus lhe imprimiu no decorrer dos séculos – finos traços de formosura e poesia, grossos sulcos de assombrosa força e nobreza.” (SARNÉLIUS, 1531, p. 22).

² Pesquisador Associado no Centro em Rede de Investigação em Antropologia – CRIA/ISCTE – Lisboa; Doutorando em História pela Universidade Autónoma de Lisboa; rudcastro86@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; juliacalvo1@gmail.com.

Cordilheira do Espinhaço: leito de um Santuário⁴

A região onde se encontra o Santuário do Caraça está localizada no Estado de Minas Gerais, entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, a 120 quilômetros da capital mineira Belo Horizonte, e pode ser considerada uma das vértebras da Serra do Espinhaço – cordilheira que se ergue no interior mineiro.

A Serra do Caraça (berço do santuário) possui sete picos: Canjerana (1.890 metros), Carapuça (1.955m), da Conceição (1.800m), da Verruginha (1.650), Três Irmãos (1.675m) e do Sol, que no seu ponto mais alto chega a atingir 2.072m de altura. O maciço, que se alonga de norte a sul no estado, recebe as águas provindas dos céus e as distribui para as grandes artérias fluviais mineiras, as quais conhecemos como os rios Doce e São Francisco, as duas principais bacias hidrográficas que alimentam o corpo das Gerais.

É nesse lugar que Calmón (2012), tomado pelo encantamento da experiência, reflete, na escritura, as linhas da cordilheira: “o mais impressionante recolhimento que a fé em Deus levantou em terras do Brasil [...] nas ásperas cumeadas do Caraça o asilo mais solitário – e mais poético – deste país. O Monte Atlas da religião brasileira”. (figura 1)

Cercada pelo anfiteatro formado pelas montanhas que se erguem negras em direção ao azul celeste, o santuário do Caraça é palco de poder e graça que rivaliza com a própria natureza que o cerca. Em meio aos cumes, um homem constrói sua memória e encena sua hi[est]ória de mistérios e devoção. Como uma flor que irrompe da terra, exuberante, a hi[est]ória é criada e acolhida em meio ao ventre das montanhas.⁵

O viajante recém-chegado percebe que o Caraça não se estabelece como uma arquitetura isolada a refletir um passado morto; ao contrário, espelha a universalidade do conhecimento na sua biblioteca de documentos centenários, nos utensílios, quadros e objetos, e nas pinturas. Sua igreja de estilo gótico é o convite a uma viagem vertiginosa, como quem adentra o túnel do tempo e à Europa do século XIII. Porém, é notório o fato de toda essa excentricidade ser arrebatada pela natureza vivaz que se forma ao seu redor (OTTONI, 2012).

Inúmeras são as lendas que buscam explicar o nome do lugar, uma delas refere-se à montanha que delinea o horizonte caracence. A primeira se refere ao Pico do Inficionado, que tem em seu topo a forma do rosto de um gigante deitado de costas a olhar

⁴ “Toda superfície da capitania de Minas Gerais é composta de continuados montes e serrotes, mas entre todos eles sobreleva-se muito esta dita serra, a qual eu lhe chamo a Grande Serra, como a mais principal, e que corta toda a Capitania do sul ao norte. Esta mesma serra pela sua cumeada, sempre encadeada, vai dividindo as águas da mesma Capitania em duas principais: Em águas de Leste, que vão todas ao Rio Doce... e em água do Poente, que vão todas ao Rio de São Francisco.” (Couto, J. V. 1801 Rev. Arqu. Públ. Mineiro, 6:55-106; 1900).

⁵ “O termo hi[est]ória é grafado propositadamente hi[est]ória para ressaltar o double bind que o tropo comporta e solicita como fato e artefato histórico, como evento e acontecimento socioantropológico, como real factual e construção imaginária e/ou discursiva. Double bind [duplo vínculo], proposto por Gregory Betenson em 1956, refere-se à existência de injunções paradoxais [aporéticas], dupla postulação. Uso aqui na sua acepção derridiana, que remete ao senso mesmo da diferença e da indeterminação no que tange à solução e ao fechamento de uma questão de pensamento. Em uma só palavra: indecidibilidade” (Perez, 2011, p. 23).

o céu, com a boca semi-aberta. Nas palavras de Sarnélius (1953, p. 25): “como se fôra para fazer ecoar, pela vastidão da silenciosa serra, um grito rouco e longo, a afugentar as aves de rapina do céu e a deter nos covis as feras das cavernas e matas”.

Outra alegoria, e essa pouco divulgada, remonta ao momento em que o Irmão Lourenço chega à região. Quando esse homem misterioso passa, em 1770, pelo povoado de Brumal, que fica aos pés da serra do Caraça, os meninos, ao ver aquela figura distinta em sua fisionomia, com seus olhos grandes, rosto comprido, barba crescida e cerrada, nariz agudo e sobrancelhas retas e carregadas, logo o apelidaram de *Caraça*.⁶

O fato é que tanto a origem do Irmão Lourenço quanto o nome do lugar que ele escolheu para viver seus dias é envolto em mistérios e relatos. Serão esses mistérios e relatos a serem percorridos a partir daqui.



Figura 1: O santuário do Caraça.

Das entranhas petrificadas pelo tempo: a hi[e]stória do Caraça

Inúmeros são os mistérios que envolvem o surgimento do Caraça. A lenda mais conhecida e disseminada nos corredores do antigo claustro afirma que o fundador do local foi o homem que assinava simplesmente por Irmão Lourenço de Nossa Senhora. Foi no ano

⁶ Há uma segunda explicação do nome do Caraça. Inédita e interessantíssima. Os colegiais, quando chega um novato, cujo nome é ainda desconhecido, costumam batizá-lo, dando-lhe um apelido. Chamam-no de narigão ou boquerão, de beicudo cu orelhudo, de girafa ou tatu, de capivara ou lagartixa, conforme o defeito físico ou a semelhança zoológica que chegam a descobrir na sua vítima. Foi o que fizeram os habitantes de Brumal e de Santa Bárbara que se encontravam, pela primeira vez, com o Irmão Lourenço – o recém-chegado à serra, o novato português na terra do Brasil. Tinha êle a cara grande, larga e cheia. Não lhe sabendo o verdadeiro nome, puseram-lhe a alcunha depreciativa e injuriosa de Caraça. “vamos ver o Caraça”, isto é, o “Irmão Lourenço”, diziam eles, quando galgavam a serra. Pobre Caraçal! Seria essa a origem do teu nome glorioso! Um nome tão feio e tão irreverente, dado o teu fundador tão santo e tão bonito... os caracenses devem protestar contra essa interpretação. Sarnélius (1953, p. 27).

de 1770 que ele dirigiu-se a lugar tão inóspito para construir, em meio à exuberante natureza e isolado dos homens, a sua derradeira morada.

Mas qual a proveniência do Irmão Lourenço? O que motivara um homem a isolar-se do mundo de tal maneira? Esses são alguns dos questionamentos que podem ser feitos por aquele que sobe as montanhas e percorre os corredores do santuário, um conjunto arquitetônico isolado entre as vértebras da Serra do Espinhaço. Chegar à Casa de Nossa Senhora Mãe dos Homens (como é conhecido o local) é desvendar o espaço de fecunda poesia, despir-se da vida citadina e do tempo *Cronos*, experimentar o tempo dos deuses, ou seja, é permitir à alma flamejar imersa ao tempo que, como rio, corre suave frente ao excesso de estímulos que canaliza a vida dos indivíduos nas grandes cidades. Ao descrever a experiência de estar no Caraça, Calmón (2012) afirma que ali se encontra “o santuário mais perto do céu e mais longe da terra, donde até parece que a gente apalpa, nas nuvens, a sombra boa e melancólica do ermitão de 1775”. (ver figura 2)

A vida do irmão Lourenço é tecida pela mantilha de grandes mistérios e lacunas, em seu testamento diz ter nascido na região de Nagozelo em Portugal, sendo seus pais Antônio Pereira e Ana de Figueiredo. Porém, uma lenda muita disseminada por terras mineiras afirma que o verdadeiro nome do ermitão é Carlos Mendonça de Távora. A maior parte dos relatos que se referem à passagem do Irmão Lourenço por terras mineiras tem como fundamento as experiências disseminadas culturalmente pelo imaginário dos moradores da região. São as narrativas encantadas pelo mistério que buscam encontrar a origem do ermitão, e, ao penetrar no mundo da pesquisa, na tentativa de estabelecer contato com esse outro, o pesquisador se vê em uma encruzilhada uma vez que a linhagem do Irmão Lourenço não dialoga com as bases documentais. É o Caraça, desde sua origem, o mistério profundo que se instala nos cumes de Minas Gerais.

Uma das narrativas mais conhecidas sobre a aparição do Irmão Lourenço de Nossa Senhora tem sua gênese em Portugal no século XVIII, há 255 anos, quando os Távoras foram executados sob a acusação de estarem envolvidos no atentado ao rei D. José I. Não houve julgamento, apenas um processo sucinto em 12 de janeiro de 1759, no Palácio da Ajuda. Dentre os Távoras executados, estavam D. Leonor, José Maria de Távora, Luís Bernardo de Távora, D. José de Mascarenhas, D. Jerônimo de Ataíde, Manuel Álvares Ferreira, Brás José Romeiro, João Miguel e José Policarpo Azevedo, que fora queimado em efígie uma vez que não foi encontrado pelos guardas reais⁷.

As escrituras da época relatam que D. Teresa de Távora, mulher do Marquês Luis Bernardo de Távora, mantinha relação amorosa com D. José I, sendo ela quem informava ao rei todas as anedotas que circulavam na corte a seu respeito. Os Távoras eram muito devotos e sempre tiveram um vínculo muito forte com os jesuítas e, quando no ano de 1759 o então rei determinou a expulsão de todos os jesuítas dos domínios de Portugal, os Távoras perceberam de maneira ofensiva tal determinação.

⁷ Disponível em: http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/o_suplicio_tavoras/. Acessado em 28 de novembro de 2014.

Em 27 de agosto de 1758, D. José vai visitar D. Teresa. No seu retorno ao palácio real, fora vítima de uma emboscada onde sobreviveu com alguns ferimentos. No dia seguinte, nas ruas de Lisboa, os burburinhos sobre o episódio retumbam nas casas e ganha as ruas. Várias foram as hipóteses acerca do ocorrido com o rei, dentre as quais a acusação de que a família Távora havia arquitetado a empreitada para acabar com a vida do então monarca português, uma vez que motivos não lhes faltavam: como se não bastasse a expulsão dos jesuítas, era forte a suspeita da relação amorosa com a Marquesa.

O burburinho fora encarado pelos Távoras como uma forte humilhação e ultraje à honra da linhagem, o que causou tensão entre a família e a monarquia constituída. Porém, o silêncio quanto ao atentado se manteve ao longo de três meses. Nada fora oficialmente pronunciado. O silêncio quebra-se quando aqueles que supostamente cometeram o atentado, acusados dos crimes de alta traição e lesa-majestade, são presos e, em 13 de janeiro de 1759, próximo à torre de Belém, em Lisboa, os sentenciados à morte são torturados e executados publicamente e suas cinzas jogadas no rio Tejo.

Ainda hoje a discussão em torno da inocência dos Távoras é levantada dentre os historiadores portugueses. Em uma das extremidades, há relatos documentados sobre as divergências estabelecidas entre a alta nobreza e o então rei D. José I. Porém, o fato é que com o desaparecimento da Família Távora e dos jesuítas, que se opunham a Sebastião de Melo, o Marquês de Pombal, a nobreza fora por fim aniquilada e o monarca poderia governar sem interferência da igreja.

Reza a lenda, amplamente divulgada em Minas Gerais e especialmente no Caraça, que o Irmão Lourenço de Nossa Senhora era, na verdade, D. Carlos de Mendonça Távora, que fugira para o Brasil e aqui, no antigo Arraial do Tijuco, hoje município de Diamantina, recebeu o hábito da Ordem Terceira de São Francisco. Porém, tal informação vai de encontro aos relatos encontrados no *Arquivo Nacional Torre do Tombo (2014)*, que afirmam que não foi D. Carlos de Mendonça Távora, e sim José Policarpo de Azevedo, que fora queimado em efígie. A matéria publicada no jornal *A noite (1947)*, no qual há o relato da declaração do então advogado, jornalista, poeta, magistrado e historiador Antônio Augusto de Lima Júnior, no Instituto Histórico de Minas Gerais, que afirma ter feito a inédita descoberta de que a verdadeira identidade do Irmão Lourenço não é de um membro da família Távora, mas sim de José Policarpo de Azevedo, um dos homens que atiraram contra o imperador D. José I e, logo em seguida fugiu para o Brasil.⁸

⁸“Esclarecendo celebre e controvertido mistério histórico, o Sr. Augusto de Lima Junior acaba de fazer em sessão solene, importante comunicação ao Instituto Histórico de Minas Gerais, descobrindo, através de fato e inédita documentação, a verdadeira identidade do Irmão Lourenço, fundador do Caraça. [...] De acordo com as provas apresentadas pelo historiador, o Irmão Lourenço não era o fidalgo Dom Carlos de Mendonça Távora [...] e sim o aoviço do Convento Franciscano do Varatojo, José Policarpo de Azevedo, autor dos tiros de bacamarte desfechados no Rei Dom José de Portugal na emboscada do quinto de melo. O noviço Policarpo, conseguindo fugir da prisão, foi queimado em efígie no suplício de Belém e, adotando o nome de Lourenço fugiu para o Brasil e internou-se em Minas e aqui fundou o Caraça”. (A NOITE – Ano XXXVII, Rio de Janeiro - quarta-feira, 19 de novembro de 1947. N° 12726, p. 9).

Na história, como em tudo mais, não há fumaça sem fogo. As lendas, como é geralmente sabido, são a fumaça do fogo escondido ou apagado pelo tempo, visto como elas se desprendem sempre dum fato verdadeiro, esquecido, aumentado ou adulterado. Alguns fatores constantes se apresentam na crônica do misterioso Eremitão do Caraça. É certo que ele próprio se denominava Irmão Lourenço e que vinha do norte de Portugal. Tais dados devem ser lembrados no exame da matéria. [...] a grande família dos Távora possuía representantes em várias localidades do norte do reino e todos eles se viram envolvidos da noite para o dia na cruel perseguição pombalina. Somente a ela escaparam os que conseguiram fugir. (Revista O CRUZEIRO, Rio de Janeiro – 10/03/1951, p. 77)

No entanto, Sarnélius (1953) afirma que o Irmão Lourenço seria Carlos Mendonça de Távora, e que fora batizado em Souropires no dia 5 de janeiro de 1748. Tais informações foram levantadas não por um contador de lendas, mas pelo conterrâneo do Irmão Lourenço, o padre Bernardo, vigário da Ilha do Governador. O vigário não apenas relatou oralmente ao então Padre Leandro (o primeiro superior do Caraça), como também fez questão de deixar lavrada a sua declaração, com a ratificação do Padre Leandro⁹.

Os documentos até aqui encontrados levam a crer que tanto para a imprensa quanto para a Ordem Terceira de São Francisco, o Irmão Lourenço sempre foi uma aparição envolta em profundos mistérios. De tal maneira, aquele homem poderia se apresentar como quisesse a partir do momento em que desembarcara no Brasil e chegara ao Arraial do Tijucu.

⁹ “Quem no-lo disse não foi um inventor de lendas. Foi um sacerdote, informando outro sacerdote. O informante foi o Padre Bernardo, vigário da Ilha do Governador, que era natural do lugar onde nasceu o Irmão Lourenço e conhecia toda a sua família. E o informado, o Padre Leandro, o primeiro Superior do Caraça, que tinha interesse de saber a verdade e só a verdade. O Padre Bernardo não se contentou em informá-lo oralmente. Quis deixar por escrito a sua declaração, como para lhe dar mais força e autoridade. E o Padre Leandro, como para autenticá-la, assinou-a como seu nome. Não é permitido duvidar do testemunho dos dois ministros de Deus. E aumenta o valor da informação o fato de ter sido escrito no dia próximo ao primeiro aniversário da morte do Irmão Lourenço. Quem no-lo afirmou ainda foi o Padre Miguel Sipolis, o quinto Superior do Caraça. Este sábio lazarista era um apaixonado da Hi[e]stória. Prova-o a sua diligência em enriquecer a biblioteca do Caraça com dezenas de livro de antigos e famosos historiadores. Estêve três anos em Portugal, onde, metido nos velhos arquivos de mosteiros, claustros e câmaras eclesiásticas, tudo fez por descobrir a origem do fundador do Caraça, e onde visitou e interrogou a família dos Mendonças de Távora, com quem, depois, continuou a ter relações epistolares” (SARNELIUS, 1953, p.33-34).



Figura 2: Irmão Lourenço.

Volta-se ao ponto inicial, qual seja: mas, qual a proveniência do Irmão Lourenço? Por que o mistério de sua origem? Qual seria a resposta do Irmão Lourenço diante da fumaça que se ergue do fogo que o criou? Seria ele um Távora? Provavelmente, conforme Sarnélius (1953), ele não diria nem sim nem não e pediria que o deixassem ser quem ele pensava que era, o irmão Lourenço de Nossa Senhora.

Chegando ao Brasil a emblemática figura, que hoje é conhecido por Irmão Lourenço, vai trabalhar na mineração, extraindo diamantes, no Arraial do Tijuco. Ali chegando, faz-se membro da Ordem Terceira de São Francisco, saindo assim do anonimato e ganhando status social e proximidade com os principais homens do lugar, dentre os quais vale citar o contratador João Fernandes de Oliveira, que viveu com a escrava alforriada Chica da Silva.¹⁰

Entre os anos de 1768 e 1770, o Irmão Lourenço compra a sesmaria do Caraça e ali faz sua morada até os últimos dias de vida.

¹⁰ “É certo que o Irmão Lourenço andava, em 1763, pelo distrito diamantino da comarca de Sêrro Frio, para onde riquezas auríferas atraíam, naquele tempo, muitos aventureiros, em busca de ouro. É certo que, a 28 de fevereiro de 1763, Lourenço estava devotamente ajoelhado na capela de Santo Antônio do Tijuco, recebendo o santo hábito da Venerável Ordem Terceira de São Francisco. É certo ainda que, no dia 4 de outubro do mesmo ano, festa de seu pai seráfico, fez a sua solene profissão, depois de sete meses de aprendizagem religiosa, dispensado de mais tempo de provação, por ter sido noviço exemplaríssimo e piedosíssimo. É certo enfim que, no ato de professar, jurou, publicamente, defender a Imaculada Conceição da Virgem Senhora Nossa e que, no título oficial de sua admissão, traz êle o nome de Irmão Lourenço de Nossa Senhora” (SARNELIUS, 1953, p. 32).

Para conhecer a escritura que nos levará ao Caraça, faz-se necessário escolher um caminho para que, em meio a essa ciranda de mistérios, o Irmão Lourenço possa ressurgir nessas linhas que aqui teço e ultrapassar a “porta do céu”.¹¹

Dos caminhos e do tempo: os momentos do Caraça

Antes de começar a construção do Caraça, estava o Irmão Lourenço na Vila Nova da Rainha de Caeté, onde hoje é a cidade de Caeté, distante 47 quilômetros da capital mineira, com o seu conterrâneo Antônio da Silva, o Bracarena, cuja hi[e]stória de chegada ao Brasil remete, também, à perseguição do Marques de Pombal. Ambos haviam prometido a Nossa senhora que construiriam um templo em sua homenagem. Certo dia, os habitantes daquele vilarejo relataram aos dois missionários o milagre que havia acontecido no povoado da Penha, onde uma menina muda vira no topo da serra a epifanização da Virgem com uma criança no colo. Logo que essa aparição se fez, a menina muda de nascença começou a falar.

Entusiasmados com os relatos trazidos pelos moradores locais, Lourenço e Bracarena decidiram erguer na Serra da Penha, hoje Serra da Piedade, a igreja em homenagem a Nossa Senhora. Bracarena insistia para construir a igreja no alto da serra, no local exato no qual a Virgem havia aparecido, mais próximo ao céu, em um espaço de tranquilidade e isolado das tentações mundanas. Mas Lourenço não gostou da idéia – uma vez que a menina, que era muda, começara a falar quando já estava aos pés do monte – e queria erguer a ermida mais perto da *Vila Nova da Rainha de Caeté*, onde os peregrinos poderiam chegar em maior número e as visitas eclesiais seriam mais constantes. Diante de tal divergência, o Irmão Lourenço continuou sozinho a sua caminhada até chegar às planícies de Brumal, e Bracarena fundou ali, no alto da Serra da Penha, a ermida em homenagem a Nossa Senhora da Piedade.

O Caraça era em 1768 um rancho de capim e nada mais. Neste Rancho, morava um homem que não era casado e não tinha filhos. Chamava-se Lourenço. Seu leito era um couro estendido sobre a terra fria. Seu alimento, frutas, raízes e caça do mato. Sua única bebida, a água sem micróbios que corria nos regatos. Morava sozinho Lourenço, na casinhota de palha. (Sarnélius, 1953, p. 38)

E assim, no ano de 1768, inicia-se a construção do que hoje é conhecido como Santuário do Caraça. Com posse de oito mil cruzados, o irmão Lourenço aos poucos deixa a casa de sapé e constrói uma ermida e uma capelinha em homenagem a Nossa Senhora Mãe dos Homens. Em seus primeiros anos, o Caraça foi um eremitério onde se hospedavam os irmãos da Ordem de São Francisco de Assis e também um centro para os peregrinos que subiam a Serra. Em 10 de agosto de 1774, rezou-se a primeira missa.¹²

¹¹ “Porta do Céu”: é o que anuncia a placa que fica aos pés da serra que leva ao Santuário do Caraça.

¹² “O Irmão Lourenço era devoto como os seus patrícios que ancoraram na enseada de Pôrto Seguro em 1500 [...] Pedro Álvares Cabral, logo ao desembarcar, mandou levantar na praia um alto cruzeiro, como símbolo de sua fé. Lourenço de Nossa Senhora, mal chegado ao Caraça, foi êle mesmo cortar, na mata virgem, a mais robusta das candeias, tirou-lhe a casca, rachou-a em dois pedaços e, feita com êste uma cruz por meio de um

Ao longo de quase meio século, entre os anos de 1774 e 1820, o Caraça foi hospício, não no sentido que hoje a palavra imprime à sociedade, ou seja, local destinado àquelas pessoas com transtornos mentais, mas, de origem portuguesa, hospício remete a uma pequena casa onde se encontram os religiosos de uma Ordem; relaciona-se, portanto, à hospitalidade e hospedaria. Naquele ambiente que fora criado pelo Irmão Lourenço, leigos e devotos de São Francisco de Assis fundaram uma comunidade de fé e devoção a Nossa Senhora Mãe dos Homens e a São Francisco de Assis.¹³

As terras do Caraça pertenciam ao Irmão Lourenço, assim como a ermida que construíra com o seu dinheiro e esmolas. Preocupado com o destino do local, o Irmão Lourenço, então com 58 anos, em 20 de janeiro de 1806, na cidade mineira de Mariana, registra o seu testamento, deixando escrito que seu desejo maior era que o Caraça ficasse em poder da Mitra de Mariana. Porém, o então bispo da cidade, Dom Frei Cipriano, recusa a aliança, alegando que estando o Caraça no padroado da coroa portuguesa, o terreno era por direito pertencente ao rei. Desolado com tal constatação, e tomado pela desconfiança em relação a seus irmãos de hábito, prudente em suas decisões, o ermitão redige o seu testamento deixando os seus bens para o Rei de Portugal. Ao mesmo tempo, ele envia uma carta a Portugal, implorando a D. João VI que estabeleça no Caraça uma residência para missionários, e que não sendo possível a vinda deles, que a sua ermida sirva para o seminário de meninos.¹⁴

O Irmão Lourenço morreu em 27 de outubro de 1819, foi sepultado dentro da ermida que fora por ele erguida e de onde todos os dias rezava solicitando à Virgem Rainha dos Céus que os seus sonhos fossem realizados. A sua idade, bem como a sua origem, é do campo do mistério, ou seja, não demarcado pelo fim, e sim pelos relatos de experiência e lendas. Nos termos de Perez, é “a experiência na duração da experiência”.¹⁵ Saint-Hilaire, que esteve com o Irmão Lourenço no ano de 1816, afirma que ele teria morrido aos 95 anos. Carl Friedrich Philipp von Martius, que esteve no Caraça no ano de 1818 para estudar a flora

grosso cipó, plantou-a na rocha, como sinal de sua única esperança. [...] sobre a areia da Coroa Vermelha, Cabral ergueu um altar suntuoso, onde Frei Henrique cantou uma ‘grande’ missa oficial. Na fralda das montanhas caracences, Lourenço armou um altarzinho muito tosco e foi ao Inficionado busca um padre, que rezou, na serra do Caraça, a primeira missa e ali pregou o primeiro sermão, o sermão da montanha. [...] A primeira missa no Brasil e a primeira missa no Caraça são duas cenas diferentes em paisagem e assistência, mas são semelhantes pela sua piedade e significação. São dois painéis, um grandioso, outro modesto, ambos de estima e carinho. O primeiro, para os brasileiros todos. O segundo, só para os caracences. Êste, doce lembrança de intimidade familiar. Aquê, gloriosa recordação de ambiente nacional” (Sarnélius, 1953, p. 41).

¹³ “É neste sentido que, nos trinta e seis primeiros anos de sua existência, o Caraça foi hospício, onde leigos devotos, observando as regras e vestindo o hábito do patriarca São Francisco, viviam como irmãos, sob a proteção da Senhora Mãe dos Homens. Cheia de fervor, a princípio, a pequena e pobre comunidade. Era ermitão- mor o Irmão Lourenço que edificava os seus dez ou doze confrades por uma vidadevota e um desapêgo completo das coisas do mundo” (Sarnélius, 1953, p. 57).

¹⁴ O testamento do Irmão Lourenço encontra-se nos arquivos na biblioteca do Santuário do Caraça e, com transcrição para a página 259 do livro “Guia sentimental do Caraça” (Sarnélius, 1953).

¹⁵ Citado em sala por Léa de Freitas Perez na disciplina por ela ministrada: *Do sagrado, vocabulário e disseminações*. UFMG-2013.

local, afirma que o eremita partiu dessa vida com mais de 100 anos de idade.¹⁶ Nas suas pesquisas, TOBIAS (1978) afirma que o padre Sarneel morreu em 1963 aos 80 anos de idade, afirma que o Irmão Lourenço morreu com pouco mais de 70 anos.

Pouco antes de entregar a Deus sua alma, teve o devoto Irmão Lourenço uma visão celeste. Apareceu-lhe Maria Santíssima: “Eu sou, disse ela, a Rainha dos Apóstolos... alegre-te, Lourenço... Em breve, eu mandarei missionários para a tua ermida... Eles a guardarão em teu lugar... vem comigo para o céu.” (Sarnélius, 1953, p.46)

No mesmo ano em que faleceu o Irmão Lourenço, partiram de Lisboa, designados pelo então Rei de Portugal D. João VI, os padres lazaristas Leandro Peixoto Rebelo e Castro e Antônio Viçoso. O destino, a priori, seria o cumprimento de missões no estado de Mato Grosso. Porém, tal qual o milagre que rompe o intercurso da razão, quando aqui desembarcaram no Rio de Janeiro, em 7 de dezembro de 1819, foram informados de que esta missão já estava ocupada pelos capuchinhos. O Rei não querendo que os padres aqui ficassem sem ocupação, ordenou que eles subissem a Serra do Caraça e cumprissem o testamento do Irmão Lourenço. Em abril de 1820, os dois padres Lazaristas atravessam a *ponte mística* e adentram o território onde até hoje se encontra o Santuário.¹⁷

Antônio Ferreira Viçoso torna-se o primeiro superior da casa e também o primeiro sacerdote. Em novembro do mesmo ano, é hora de os primeiros alunos, provenientes do Rio de Janeiro, matriculem-se no colégio fundado pelo Padre Viçoso. No ano de 1824, o Caraça recebe o título de Colégio Imperial, sob a inscrição de: *Casa Imperial de Nossa Senhora Mãe dos Homens*. Entre os anos de 1820 e 1910 mais de oito mil alunos por ali passaram para estudar. A sua biblioteca contava, na época, contava com mais de 50.000 volumes.

A partir de 1865, o Caraça faz aliança com o Seminário de Mariana, tornando-se um sólido estabelecimento de ensino. O principal motivo é que, em 1853, houve um surto de varíola na cidade de Mariana e o então bispo Dom Viçoso, na intenção de proteger seus

¹⁶ Saint Hilaire e Von Martius fazem parte do primeiro grupo de cientistas, também conhecidos como “viajantes”, que foram da Europa para o Brasil (1816 -1822), período em que a corte portuguesa estava ali instalada. Esses viajantes percorreram vasto território do Brasil, fazendo anotações (por meio de diários de campo) da História, dos hábitos das populações por onde passavam, assim como os aspectos da fauna, da flora e da própria geologia do país.

¹⁷ “Uma ponte é sempre uma espécie de clausura onde, entre as duas margens de um rio e sobre a água que vem, passa e desaparece, o peregrino desta terra se sente só, separado do mundo, embora dela não se afastou de todo. Por isso, é nas pontes que os místicos costumam passear, mais longamente, as suas pias meditações, assim como, nelas também, os apaixonados preferem combinar os seus fortuitos encontros. [...] O Caraça tem a sua ponte mística. Era, no século passado, uma pinguela em que o *padre santo* de então se equilibrava, utilizando a marumba. Hoje, é uma grande ponte em que podes pisar, andar e pular, sem medo de cair, e podes aprender muita filosofia mística. Por ela passaste quando, à tua chegada, transpusestes o rio em cujas águas as fôlhas secas e as flores murchas que, à sua beira caem, das arvores caracenses, descem sobrenadando até Santa Bárbara, vão descendo pelo rio Piracicaba e descem ainda mais pelo rio Doce, para depois sumirem na vastidão do oceano. [...] Em baixo, a água que desce, lambendo as margens, é o tempo que foge, é a vida que vai aos poucos. A fôlha que bóia, girando, a caminho do mar, é a vida agitada e torturada que retorna a Deus” (Sarnélius, 1953, p. 160).

seminaristas, os transferiu para o Caraça, transformando-o em Seminário Maior, ou seja, um instituto eclesiástico de estudos superiores de teologia, filosofia, hi[is]tória e direito.¹⁸

Para adequar a estrutura física à quantidade de novatos que ali aportaram, na segunda metade do século XIX, houve uma expansão do local e, novas alas e um refeitório foram criados. Essa maior intensidade na construção se deu na época em que o Padre francês Júlio Clavelin, que também era arquiteto e engenheiro, estava na administração do local. Foi ele também o responsável pela derrubada da ermida feita pelo irmão Lourenço de Nossa Senhora, erguendo em seu lugar o templo de estilo neogótico. A construção, que foi feita com material local, demandou mais de meia década, sem recorrer à mão escrava. A consagração da Igreja ocorreu em 27 de maio de 1883. (ver figura 3)



Figura 3: Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Memórias e Cinzas

O colégio chega ao fim em 1968, quando o incêndio em suas dependências interrompe os serviços de ensino. Apesar de não findar completamente as atividades ali desenvolvidas, o Seminário Maior precisou fechar suas portas e o Caraça volta a ser um local para acolher os peregrinos e encontros culturais, sendo que no campo educacional fica restrito, desde então, à formação de padres da Congregação Lazarista.

Devido à intensidade das labaredas que tomaram o prédio onde era a biblioteca, o Caraça perdeu com o fogo, mais de 30.000 volumes de livros, e outros 15.000 exemplares foram salvos pelos alunos e pelos padres que se arriscaram, em meio as chamas, para salvar as raridades bibliográficas e documentais que ali estavam depositadas. No final, do edifício

¹⁸ Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1429 . Acesso em: 10 de maio de 2021.

restaram apenas as paredes. Foi necessário, sobre os escombros do colégio, fazer intervenções que preservassem a hi[e]stória sem agredi-la com soluções ‘modernosas’. Optou-se por manter as ruínas e acrescentar panos de vidro para a sua preservação.

A partir dos anos de 1970, inicia-se a restauração e proteção dos conjuntos arquitetônicos e paisagísticos. Nesse objetivo comum, despendem esforços a iniciativa privada, por meio da Companhia Vale do Rio Doce; a União, via IPHAN; o Estado, por meio do IEPHA-MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), e a Congregação da Missão.

A trajetória de liberação de recursos e de busca de cooperação com os órgãos do patrimônio, IPHAN e IEPHA-MG, é cheia de altos e baixos, assim como o próprio relevo da região do Caraça. Por três vezes, na década de 1970, foram propostas verbas para a restauração do complexo arquitetônico, embora sem concretizar os desejos dos Lazaristas, ainda traumatizados com o incêndio que destruiu parte da construção. Na primeira vez, em 1974, os projetos de preservação não foram concluídos e nenhuma ação ganhou vida.

Dois anos se passaram até que uma nova rodada de negociações foi realizada entre os padres que administravam o local e o governo do Estado, estando, no centro das atenções, itens como a recuperação da parte incendiada; a segurança, incluindo policiamento e controle da área por agentes rodoviários; conservação ambiental, uma vez que o Santuário tem uma rica biodiversidade, com fauna e floras pesquisadas desde os seus primórdios; e a necessidade de uma estrutura hoteleira para receber os visitantes. Finalmente em 1977, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) entrou em cena e denunciou a destruição do Caraça (MIRANDA, 2006).

Os ventos da esperança começaram a soprar em 1980, quando os lazaristas assinaram convênios para que houvesse a recuperação das áreas destruídas pelo incêndio e aproveitamento do espaço, transformando-o em um centro de pesquisa nos campos da religiosidade, história e cultura. As intervenções foram conduzidas em parceria do IEPHA-MG com o antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). No entanto houve novo colapso e as obras pararam devido a falta de recursos.

Dentre os elementos acrescentados ao prédio incendiado, o pano de vidro torna-se um objeto emblemático ao permitir que o passado e o presente dialoguem, sem que para tanto seja necessário a sobreposição. A existência da hierarquia e do respeito prevalece e, ganha visibilidade na restauração da biblioteca do Caraça. Respeitando o percurso histórico dos fatos, a memória é preservada no complexo arquitetônico (ver figura 4).



Figura 4: A biblioteca do Caraça

Considerações finais

Este artigo traz em seu corpo o que o campo científico pode considerar como demasiadas referências ao Professor Padre Pedro Sarneel (Sarnélius), ao que concordamos. Mas, se vale-nos a justificativa de tal transgressão, a fazemos por ter sido ele uma inspiração para as gerações posteriores de estudiosos do Caraça. Destacamos uma tradução, para o latim, feita pelo referido professor, do livro de Lisboa (1959), cujo título era *Montanha viva, Caraça*.¹⁹ Devido a sua morte em 1963, a obra não foi por ele publicada, no entanto, o Padre Lauro Palú assume a edição bilingue e a publica no ano de 1977 pela Editora São Vicente, de Belo Horizonte. Não bastasse, debruçamo-nos ao lirismo da escrita do Professor Sarnélius. Lirismo esse que não se distancia do rigor do método e das investigações alicerçadas nas fontes históricas, em grande parte encontradas na biblioteca do próprio Caraça.

Percorrer os caminhos que levam ao Irmão Lourenço é uma árdua tarefa. Muitos são os relatos, falados e documentados, acerca da proveniência e idade do ermitão. Escolhi neste trabalho e, como quem segue uma trilha, discorrer sobre a sua proveniência, conclamando para tanto, além de documentos, os relatos daqueles que vivenciam diariamente o Santuário do Caraça, quais sejam: os padres e funcionários do complexo. Todo o percurso em busca de artefatos e de informações é do campo do mistério e continuará o sendo devido aos inúmeros relatos que ainda geram lacunas ao se recompor a trajetória do fundador da

¹⁹ *Mons Vivus* mostra o que se obteve, ao se latinizar Montanha Viva. Que valha, ao menos, como preito, nossa boa intenção de louvar o Caraça, estância onde o latim foi mais mineiro e o Brasil foi mais cultura ocidental. Seja penhor de nossa devoção este nosso carinhoso entretenimento impossível. No belo ramo de poesia recendente, a fita de latim que foi passada põe cor local de mais intimidade, junto ao altar que tem, lá na montanha, Nossa Senhora Mãe dos Homens. (DE OLIVEIRA, J. Lourenço. Belo Horizonte, Natal de 1963. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/lourenco/banco/LT01.html> , Acessado em: 30 de mai. 2021)

capela que deu origem ao Santuário. A vida pregressa do Irmão Lourenço, anterior à chegada sua ao Caraça, é o fantasma que se instala na imaginação de todos os que por ali estiveram.

Hoje o Caraça é um espaço de peregrinação, cultura, religiosidade e conhecimento que foi sendo construído em torno da figura emblemática do Ermitão que ali aportou. Percorrer o claustro é estar a todo momento em contato com a hi[e]stória de Minas Gerais. O reconhecimento pelo IPHAN é importante uma vez que possibilita que as memórias material e imaterial do santuário sejam preservadas.

A herança transmitida por meio das gerações permite o diálogo entre passado e presente, garante a manutenção da memória do Caraça e enriquece o patrimônio de Minas, jogando mais luz sobre a hi[e]stória do Brasil.

Referências bibliográficas

A NOITE – Ano XXXVII, Rio de Janeiro - quarta-feira, 19 de novembro de 1947. Nº 12726, p.9. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1936_12726.pdf . Acessado em mai. 2021

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. *O suplicio dos Távoras*. Disponível em: <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/o-suplicio-tavoras/> . Acessado em 28 nov. 2014

CALMON, Pedro. In: *Serra do Caraça*. Belo Horizonte (MG): Formato, 2012.

DE OLIVEIRA, J. Lourenço. Belo Horizonte, Natal de 1963. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/lourenco/banco/LT01.html> , Acessado em: 30 de mai. 2021

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Colégio do Caraça*: conjunto arquitetônico e paisagístico (Catas Altas, MG). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1429. Acessado em: mai. de 2021

COUTO, J. V. 1801 *Memória sobre as minas da capitania de Minas Gerais - Manuscrito do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1842, reimpresso em: Revista Arquivo Público Mineiro, 1900.

LISBOA, Henriqueta. *Montanha Viva – Caraça*. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, 1959.

SARNELIUS et LAURENTIS. *Mons vivus*. Ed. bilíngüe organizada pelo Pe. Lauro Palú, C. M. Belo Horizonte: São Vicente, 1977.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza Miranda. *Tutela do patrimônio cultural brasileiro: doutrina, jurisprudência, legislação*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

OTTONI, Christiano. *Serra do Caraça*. Belo Horizonte, 2012.

PEREZ, Léa Freitas. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz,

2011.

SARNÉLIUS. *Guia Sentimental do Caraça*. Belo Horizonte (MG), Associação dos Ex-alunos dos Lazaristas e dos amigos do Caraça, 1953.

TOBIAS, Pe. José Zico. *Caraça, peregrinação, cultura, turismo*. 5ed. Belo Horizonte (MG): Editora São Vicente, 1978.

Figuras

Figura 1: *O santuário do Caraça*. Disponível em: www.defatoonline.com.br/noticias/img/noticias/foto_05022013145554.jpg. Acesso em: 14 novemb. 2014.

Figura 2: *Irmão Lourenço*. Disponível em: <http://radeir.blogspot.com/2015/11/santuاريو-do-caraca.html>. Acesso em: 10 de mai. 2021

Figura 3: *Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens*. Arquivos de Imagens do próprio autor

Figura 4: *A biblioteca do Caraça*. Disponível em: <https://qquerlugar.files.wordpress.com/2013/01/imag1017.jpg> . Acessado em mai. 2021.